

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

Diversos: *Una audaz aventura. Hacia el concilio de los jóvenes*, 208 pp., 17,5 x 11,5 cm, Editorial Herder, Barcelona, Espanha, 1973.

Trata-se de um livro provisório que tenta ser uma preparação para o concílio de jovens que terá lugar em Taizé, de 30 de agosto a 2 de setembro. Logo nos meses seguintes, terão lugar outras aberturas do concílio de jovens na África, América Latina, Ásia e América do Norte.

Viu-se a necessidade de existir um livro que, em forma de manifesto, servisse para estender a convocação a este concílio, difundindo seu ideário básico.

Escrito pelos próprios jovens, "Una audaz aventura" foi adaptado por uma equipe de jovens do idioma — castellano —. Oferece um convite à reflexão, numa linguagem fluida e amável, que os destinatários deste livro lerão com agrado.

O livro deseja dar, dentro da problemática dos jovens, uma resposta que signifique "uma gazosa notícia para os homens", uma resposta realista, e por isso, eficaz, embasada no cristianismo, sobre os motivos deste "concílio de jovens".

J. M. M.

KENNEY, W. Henry S. J.: *El Fenomeno Humano de Teilhard de Chardin*. Guia para el lector. (Col. Teología y Mundo Actual, 34). Tradução do original inglês por E. Martino, 264 pp., 21,5 x 16 cm, Editorial Sal Terrae, Santander, Espanha, 1973.

A própria apresentação da Bibliografia desta tradução realça a intenção prática desta obra, desde o momento em que nos remete a outras fontes de bibliografia teilhardiana, apresentando os "mais importantes" (p. 253) estudos em língua espanhola e francesa. As notas são colocadas ao final de cada capítulo, e não se podem chamar de abundantes. A maioria é bibliográfica. Poucas ajudariam a aprofundar ou aclarar uma passagem da exposição. O "Glossário" breve (pp. 229-252) se "concentra nas seções essenciais de O Fenômeno Humano" (p. 229). Feitas estas precisões, podemos dizer que o Autor consegue preparar um razoável "guia para o leitor" novato em Teilhard, com seu vivo estilo ensaísta, transbordando simpatia pelo fenômeno teilhardiano.

R. P.

HINNEBUSCH, Paul, O. P. — "Vida Religiosa: liturgia viva", (Coleção "Eu sou... aquele que serve — 8). Tradução do original inglês pelos Monges Beneditinos de Serra Clara, 286 pp., 20 x 12,5 cm, Edições Paulinas, São Paulo, 1972.

O autor deste livro pronunciou uma série de conferências a Religiosos sobre a atitude litúrgica dos religiosos. Sua preocupação é estender a vida religiosa para dentro da liturgia, sem haver o divórcio tão comum, existente entre nós. A liturgia tem de ser expressão da vida, sob pena de não ser liturgia.

O primeiro passo de uma celebração Eucarística é a do acolhimento, tão primário na vida de comunidade. Segue-se a lembrança de que somos pecadores, numa Igreja de pecadores, sendo pessoas individuais pobres pelo próprio envolvimento de culpa e pecado. Não se pode parar nesta recordação, é preciso uma libertação progressiva do pecado para um testemunho radical escatológico-pascal. Pela celebração da Palavra, descoberta da Palavra-Vida, através do Espírito de Jesus Cristo, somos chamados a sermos proclamadores da Palavra aos nossos irmãos. O Ofertório implica a dimensão da entrega radical de nossas vidas. A consagração é o ponto alto do morrer para que o mundo viva. O perdão e a Paz é a condição de possibilidade da própria vida comunitária e da nossa comunhão. Comunhão que nos deve levar ao Testemunho de enviados.

A teologia da vida Religiosa está presente em cada parte do livro. Os dados escriturísticos são aprofundados com muita felicidade.

Recomendamos este livro a todos os religiosos que se põem o problema da oração, especialmente da oração da Igreja — Ofício e Eucaristia. Acreditamos que seja capaz de despertar, na sua simplicidade, um ressurgimento de um sentido mais vigoroso para a celebração litúrgica e para a vida.

L. A. P.

BROW, Norman O.: **Vida contra morte, O Sentido Psicanalítico da História.** Traduzido do original inglês por Nathanael C. Caixeiro, 398 pp., 14 x 21 cm, Editora Vozes Ltda., Petrópolis, 1972.

Em "Vida contra Morte", Norman O. Brown, partindo das análises de Freud, sobre instinto, desejos, repressão e sublimação, tenta dar uma explicação da própria história, como diz o subtítulo da própria obra. Na primeira parte do livro nos apresenta o problema "homem" como o "ser doente" — o "ser reprimido" nos seus desejos inconscientes, desejos de felicidade, que estão em conflito com o mundo. Se "ser reprimido" equivale a ser neurótico, o homem é um doente porque reprimido nos seus desejos inconscientes pelo ambiente cultural. "Os desejos reprimidos são os desejos que o homem tem não reprimidos na sua primeira infância; e são os desejos sexuais" (p. 39). Passa então (II parte) a analisar o tema Eros, que é "fundamentalmente um desejo de união (ser uno) com as coisas do mundo" (p. 63), mas conserva ao mesmo tempo uma característica profundamente narcísica. Como força dinâmica o "eros" encontra uma forma de expressão na arte e na própria linguagem. Como "cada neurose individual não é estática, mas dinâmica", a neurose é "um processo histórico, com sua lógica interna" (p. 27). Daí surge a hipótese da "neurose universal da humanidade", o que deveria ser tomado em conta na reinterpretação da história.

Os instintos reprimidos, no homem, constituem a base dos conflitos da vida humana. Como Freud os identifica no dualismo de Vida (Eros) e Morte o autor procura analisar longamente esse dualismo (III parte) em confronto com a técnica da psicanálise. Se a força do instinto sexual é tão grande, e se encontra em oposição à realidade mundo, e muitos de seus ditames, essa mesma força procura "sublimar-se" (IV parte), constituindo as "operações mentais superiores, atividades científicas, artísticas e ideológicas", bem como o processo de cura da neurose em relação à cultura. Na tentativa de "reformular a psicanálise numa teoria geral de natureza humana, cultura e história", o autor procura "confrontar essas abstrações com os fatos" (p. 211). Passa ao exame do fenômeno "analidade" (V parte), exemplificando essa realidade com a experiência religiosa (sublimação) de Lutero e com todo o fenômeno do lucro, que estaria em estreita relação com o fenômeno analidade. Como todo o problema humano se constitui na repressão e mesmo a sublimação não é solução, o autor apresenta como caminho de superação do problema a "abolição da repressão — na linguagem cristã tradicional, a ressurreição do corpo" (p. 255), sem analisar o que significa para a "linguagem cristã tradicional" a ressurreição do corpo. O que dizer do livro? Não somos nem psicólogos nem psicanalistas, para podermos dar uma justa e correta avaliação da obra. Ficamos surpresos com o conselho dado na Introdução: "uma vez que novas idéias não surgirão se sua aceitação estiver sujeita à conformidade com as nossas idéias antigas e com o que chamamos de senso comum, este livro exige do leitor — como exigiu do autor — uma suspensão do senso comum" (p. 9).

I. S.

CUMINETTI, Mário: A Eucaristia, libertação do homem, (Col. Teológica, 9), Tradução do original italiano por Francisco S. Luza e Luiz João Gaio, 94 pp., 21 x 14 cm, Edições Paulinas, São Paulo, 1972.

O autor deseja apresentar algumas perspectivas e sugestões, que possam ajudar a refletir sobre a Eucaristia e seus efeitos na vida diária do Povo de Deus. O livro realmente pode ajudar a refletir mais sobre o amor e misericórdia de Cristo Eucarístico, principalmente para quem já possui alguma formação teológica e filosófica. Para o povo simples necessitar-se-iam ulteriores explicações.

O homem deseja chegar à libertação definitiva, que é a vida eterna, o céu, pela união definitiva com Deus. Esta libertação começada aqui por Cristo e continuada pela Eucaristia nos leva à liberdade perfeita libertando-nos: a) do pecado, unindo-nos a Deus; b) do egoísmo, unindo os homens entre si, vida comunitária, povo de Deus, corpo de Deus; c) do unilateral, só para o culto, vivemos na terra, no horizontal. Para realçar o sentido da libertação o autor apresenta o momento da instituição da Eucaristia, i. é., durante a ceia pascal dos hebreus, sendo dada ênfase à celebração da libertação do cativo egípcio.

O autor, acentuando na Eucaristia o sentido da ceia, do banquete, faz desaparecer quase por completo o sentido da eucaristia como sacrifício, pelo qual N. Senhor libertou os homens da escravidão do pecado. O autor insiste sobre o sacerdócio comum dos fiéis e se refere pouco ao sacerdócio ministerial, do qual depende a presença de Cristo Eucarístico. Exagera igualmente a humanização, o bem do homem, ficando no horizontal; o relacionamento a Deus, o vertical, quase não se descobre.

B. M.

CONGAR, Y. — VOILLAUME, R. — LOEW, J.: **Palavras in-oportunas**, tradução do original francês por Francisco S. Luza, 76 pp., 19 x 11 cm, Edições Paulinas, São Paulo, 1973.

O livro apresenta-nos três palestras, uma de cada autor. Sente-se a falta de uma introdução que indique se tratarem de palestras, como também a situação original em que foram proferidas: uma situação-posição ante a "contestação".

Congar aborda o problema da "Autoridade e Liberdade na Igreja". Tendo indicado algumas características fundamentais da comunidade cristã, o autor desenvolve as "Obrigações da Autoridade" e as "Obrigações da Liberdade". Voillaume, em "Os pressupostos de uma sã renovação", tendo presente a "Nova imagem do universo" em que vivemos, e a incerteza que nos cerca em toda parte, mostra concretamente "Como abordar os problemas que a Igreja deve enfrentar hoje", quais as atitudes que se requer dos cristãos para uma verdadeira e sã renovação. Low indica "O caminho da reconstrução", que fundamentalmente "é uma pessoa, Jesus Cristo".

O desenvolvimento dos temas é fácil e sua compreensão acessível. As palestras oferecem orientações sadias de como viver e renovar, hoje, no mundo em que tudo é contestado, o amor a Cristo e aos irmãos, na comunidade eclesial.

C. L. B.

THÜSING, WILHELM: **Las cartas de san Juan** (Col. "El Nuevo Testamento y su Mensaje. Comentario para la lectura espiritual", n.º 22), tradução do original alemão por Constantino Ruiz Garrido, 236 pp., 20 x 12 cm, Editorial Herder, Barcelona, 1973.

Thüsing, no presente volume, apresenta o "comentário para leitura espiritual" das três cartas de São João, estendendo-se, principalmente, no comentário à primeira.

Na introdução, ao escrever sobre a "Importância de 1 Jo para a teologia e vida cristã" hoje, o autor nos dá um resumo da carta, assim como ele a apreende e desenvolve ao longo do comentário. Por ser realmente significativo e substancioso, transcrevo o resumo.

"Em suas escassas páginas, esta carta salienta — em breves pinceladas — o essencial do cristianismo. Sua mensagem se agrupa em torno aos dois enunciados sobre Deus: "Deus é luz" (1, 5) e "Deus é amor" (4, 8.16). Desta forma esta carta nos oferece uma excelente concentração da mensagem cristã naquilo que constitui a essência desta mensagem".

"A meu parecer, 1 Jo pode ajudar, em uma medida singular inclusive para o Novo Testamento, para uma concentração da mensagem cristã que a condense naquilo de que alguém pode viver como cristão. Precisamente o que pode prestar este excelente serviço é o compêndio de toda vida cristã sob o lema do "amor", e a associação entre o amor e a fé em Cristo: associação que os converte em um ato total, na resposta única ao "mandamento" que temos desde o princípio mais remoto. Esta visão global da fé e da conduta (= do "caminhar") do cristão tem seu fundamento precisamente na forma de conceber a Deus ("Deus é amor", 1 Jo 4, 8.16). Talvez sua expressão mais densa e útil

a encontremos em 1 Jo 4, 16a: "Chegamos a crer o amor", o amor que Deus é, o amor que Deus manifesta na morte de seu Filho, o amor que Deus infunde em nosso coração por meio do Espírito, e que seguirá atuando em nós e por meio de nós como amor fraterno. Eis aqui uma possibilidade, uma possibilidade entre muitas, porém especialmente acertada e preciosa, de chegar a conhecer, experimentar e viver a concepção de conjunto de nosso ser de cristãos: esta concepção global que nos falta. Aqui se expressa em toda sua condensação porque um pode ser cristão, e de que (realidade) se vive como cristão. Esta concentração responde precisamente à intenção do autor da carta, intenção que aflora em diversas passagens (por exemplo em 2, 12-14; 3, 4-10.18-20; 5, 4.13; veja-se o comentário destas passagens): avivar o conhecimento da fé de que os cristãos "têm a vida eterna" (5, 13), consolidar, portanto, sua segurança de salvação, ou, melhor dito, proporcionar-lhes a convicção de que seu ser de cristãos tem um sentido indestrutível, de que não só é riqueza oculta mas também esperança" (pp. 9-10).

Este resumo mostra muito bem a importância vital desta carta para a vida cristã. O leitor é introduzido e levado pelo comentário a compreender e viver este essencial da mensagem de Cristo. O comentário é ao mesmo tempo simples e profundo; procura iluminar e mostrar a unidade da mensagem, que à primeira vista poderia aparecer, em seus diversos elementos, contraditória. Em algumas passagens, o autor poderia talvez ter evitado uma demasiada acrobacia de combinações de textos, cuja enumeração, sem a citação do conteúdo, não enriquece a compreensão da mensagem.

C. L. B.

PASTOR, F. A.: *Existência e Evangelho*, 224 pp., 21 x 14 cm, Edições Loyola, São Paulo, 1973.

P. Pastor, professor de Teologia Sistemática na Pontifícia Universidade Gregoriana, publica neste livro reflexões dirigidas originariamente a estudantes brasileiros de Teologia, alunos do Pontifício Colégio Pio Brasileiro de Roma. O autor, abordando "as questões centrais que se apresentam a uma existência iluminada pelo evangelho, no caminho de seu constante aperfeiçoamento" (p. 5), "pretende modestamente oferecer alguns pontos firmes e fundamentais de uma espiritualidade cristã existencial e aberta, radicalmente evangélica e dinamicamente comprometida com a missão" (p. 6).

As reflexões não se movem num campo teórico-abstrato, mas estão realmente orientadas para a vida-espiritualidade cristã, nesta triplíce dimensão indicada pelo autor. A vida-espiritualidade cristã baseia-se necessariamente no Cristo dos Evangelhos. O autor, apresentando alguns pontos básicos desta espiritualidade, vai às suas raízes evangélicas, utilizando as últimas conquistas da exegese e da teologia bíblica, como também da teologia atual.

A diversidade das situações, em que certamente foram feitas as reflexões, explica a abordagem de um mesmo assunto sob diversos prismas, e não impediu ao autor de agrupar 26 capítulos em 8 unidades: "Pré-supostos fundamentais"; "Sobre a conversão cristã"; "Renovação pessoal"; "Significado do Natal"; "Diaconia do Reino"; "Definitividade e liberdade"; "A cruz, contemplação e opção"; "Horizonte Pascal". Os capítulos apresentam uma espiritualidade aberta para a situação e problemática do homem, do jovem de hoje, mas simultaneamente "radicalmente evangélica", com os apelos "radicais" de Cristo. O leitor,

certamente, há de admirar a clareza e a sinceridade com que o autor trata não só o que se poderia denominar de vocação "sublime" do cristão e do ministro cristão, mas também a "radicalidade" do apelo de Cristo e de suas conseqüências na vida de cada dia. Basta mencionar, como exemplo, o que está escrito na unidade "A diaconia do Reino", ou as reflexões sobre a oração nos dias de hoje. Citemos duas passagens, que o autor fundamenta devidamente: "Somos cristãos, quer dizer, existências cristãs, enquanto assumimos não só pessoal, mas também comunitariamente, e não só comunitária, mas também pessoalmente, uma existencial, pessoal e radical oração religiosa e oração de fé. E no entanto, deixamos de ser cristãos, quer dizer, existências cristãs, enquanto deixamos de assumir pessoal e comunitariamente uma radical oração religiosa e oração de fé" (p. 167s). "Não nos enganemos, nós só seremos homens nos quais possa se apoiar a Igreja, se nós mesmos nos apoiarmos em Deus, no Espírito, em Cristo, quer dizer, se formos homens de oração pessoal e comunitária. Tal oração é a última condição de possibilidade de uma existência cristã num tempo como o nosso" (p. 170). Não esqueçamos que esta afirmação foi feita num tempo em que a oração cristã era tida por muitos, inclusive por teólogos e orientadores espirituais, como algo superado e supérfluo na vida cristã.

Os capítulos são um convite ao leitor não só para reflexão sobre sua vida, mas também para viver mais profundamente o apelo que Cristo lhe faz. O livro é útil para leitura pessoal e pode servir muito bem como subsídio para palestras e retiros espirituais.

P. Claudio Luiz Bins, S. J.

SCHUTZ, Roger: *Que tu fiesta no tenga fin*, tradução do original francês por Josep Pombo. 130 pp., 20 x 12,5 cm, Editorial Herder, Barcelona, Espanha, 1973.

O livro apresenta páginas extraídas do diário de Roger Schutz, compreendendo o período de Fevereiro-Junho de 1969 a Janeiro-Maio de 1970. Entremeado de diálogos com jovens reunidos em Talzé, este livro contém alguns fragmentos de respostas a perguntas formuladas por estes: Aos jovens interessam bem mais as pessoas do que as idéias: Por isso as perguntas são as mais das vezes mais pessoais do que teóricas, querem saber como ele — Roger Schutz — vivencia a festa de Jesus Cristo ressuscitado, acima de provas e combates. Os quinze meses a que o livro se refere compreendem o período desde o dia em que nasceu a idéia de um concílio de jovens até o começo de sua preparação. Junta-mente com o livro de preparação para o concílio de jovens, que terá lugar em 30 de agosto de 1974, se constitui numa leitura obrigatória para todos aqueles que querem saber o que se passa em Talzé e o que será o concílio de jovens. Também obrigatória para todos aqueles que estão abertos ao Deus que nos fala também pelos 'sinais dos tempos'.

"Nestas páginas, procuro abrir-me rechando toda ilusão.

Saber-me pobre me permite ser eu mesmo.

A partir de sua pobreza, o homem ama, cria, luta, se maravilha, mas paga caro o preço de sua liberdade" (p. 5).

J. M. M.

COSTA, Luís Gonzaga: Comunidade de vida e de amor, 128 pp., 21 x 13,5 cm, Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 1973.

Frei Luís Gonzaga Costa dedica-se há quase vinte anos "à pastoral familiar, à santificação da família". As reflexões deste livro, "não encerram nenhuma novidade. Querem apenas lembrar coisas conhecidas para serem mais profundamente conscientizadas, vale dizer vivenciadas" (p. 7). No surto de renovação cristã de casais e famílias, a par de um desmoronamento da vida conjugal e familiar, não temos necessidade de belas teorias e vãos extraordinários sobre a teologia destas realidades básicas da comunidade humana e cristã. Necessitamos, realmente, que os casais e famílias interiorizem, conscientizem e vivam o básico e central de suas vidas. As reflexões de Frei Costa, com sua simplicidade e experiência de longos anos de pastoral familiar, estão orientadas para "ajudar muitas famílias a construir uma verdadeira comunidade de vida e de amor" (p. 7). A exposição simples, clara e ao mesmo tempo profunda é seguida, no fim de cada capítulo, de breves e sugestivos "pontos para reflexão", que podem ajudar o casal a rever e orientar a sua vida. A enumeração dos capítulos já nos mostra como os assuntos tratados pelo autor são de capital importância para a vida conjugal e familiar: "Comunidade de vida e de amor"; "Espiritualidade encarnada"; "Apóstolos do amor"; "Harmonia conjugal"; "Harmonia sexual"; "Diálogo conjugal e familiar"; "Paternidade responsável"; "Educação dos filhos"; "Nós, nossa fé e nossos filhos"; "Diálogo com Deus"; "A alma da felicidade". O livro pode ser útil tanto para casais como para quem se dedica à pastoral familiar.

C. L. B.

REGO, Newton Luiz do: Conhecimentos práticos de Legislação do Trabalho, 150 pp., 21 x 14 cm, Edições Loyola, São Paulo, 1973.

A primeira parte do livro nos coloca em dia com as "noções gerais do direito do trabalho": empregador e empregado, contratos de trabalho, salário e remuneração, tempo de serviço, interrupção e suspensão do contrato, rescisão, homologação, estabilidade, justas causas para rescisão, aviso prévio.

Na segunda parte o autor desenvolve as "normas gerais de proteção ao trabalho": identificação profissional, registro de empregados, duração do trabalho, férias, obrigações do empregador, fiscalização das leis de trabalho.

A terceira parte aborda o "Fundo de Garantia do tempo de serviço", e a quarta o "programa de integração social".

O livro, nascido de umas apostilas para um Curso de Formação de Analistas de Processos de Infração, ulteriormente ampliadas, caracteriza-se por seu poder de síntese e pela simplicidade com que apresenta questões difíceis e delicadas. O livro é útil a empregadores e empregados, dirigentes sindicais, estudantes e todos que de alguma forma se relacionam com o mundo do trabalho.

R. P.

SCHNACKENBURG, Rudolf: *El Evangelio según San Marcos* (Col. *El Nuevo Testamento y su Mensaje*, Tomos 2/1 e 2/2), tradução do original alemão por Claudio Gancho. Tomo 1, 224 pp., Tomo 2, 348 pp., 12 x 20 cm, Editorial Herder, Barcelona, 1972 — 1973.

Schnackenburg, conhecido exegeta alemão, faz, com rara felicidade, o comentário do Evangelho de S. Marcos, orientado para a leitura espiritual. O especialista, sem fazer uma obra de erudição científica, mas também sem cair em considerações "piedosas", aproveitando as últimas conquistas das ciências bíblicas, conduz o leitor para um encontro pessoal com Cristo.

Na breve introdução "O evangelho da fé da Igreja primitiva", Schnackenburg nos apresenta o que é o Evangelho de São Marcos, o que foi para a comunidade primitiva e o que deve ser para nós hoje.

Para a Igreja primitiva, para todos que se incorporavam na comunidade cristã, Cristo, suas palavras e ações, seu caminho e seu destino, sua morte e ressurreição, eram o centro da própria vida. "A Igreja primitiva sabe que naquilo que sucedeu uma vez para sempre está contida a revelação definitiva — escatológica — de Deus" e sabe que esta revelação tem valor salvífico para todas as gerações (pp. 5-6). O Evangelho não é "um relato histórico", "nem uma descrição exata de como transcorreu a 'história' de Jesus Cristo" (p. 5), não é um livro de memórias, mas "o livro da fé, a lei fundamental de sua comunidade crente, o fio condutor de sua vida cristã em meio ao mundo", "o precioso compêndio da proclamação apostólica, apoio e garantia da realidade cristã", inspirado pelo Espírito de Deus (pp. 6-7).

"Nós, como membros da Igreja, devemos hoje ler e meditar assim o Evangelho de Marcos com toda sua múltipla importância: como memorial sempre presente de quanto aconteceu uma vez em Jesus e por Jesus, como testemunho de si mesmo anunciado pela Igreja primitiva pela boca de seu evangelista, e como revelação divina que reclama nossa fé e nossa obediência e que nos alcança em nossa própria situação histórica" (p. 7).

Ao longo do livro, o autor, "sem negar a relativa importância do Evangelho de Marcos no que diz respeito à descrição da vida e obra de Jesus de Nazaré, quer fixar a atenção, com mais intensidade do que se costuma, na compreensão da Igreja primitiva, para a qual as perícopes isoladas e as grandes divisões da obra não eram somente capítulos da história de Jesus, mas também e principalmente ensinamentos para sua fé e sua vida" (7-8).

Chama realmente atenção a insistência justa que o autor faz sobre a incidência da vida de Cristo na fé e na vida da comunidade primitiva, e os reflexos desta própria fé e vida, na redação do evangelho. Neste modo de comentar o evangelho já são indicadas pistas de como hoje, Cristo e sua mensagem podem atingir e orientar as nossas vidas, para que sejam um encontro pessoal com Ele.

O livro pode ser de grande proveito para todos os que quiserem conhecer um pouco a Cristo, e encontrar-se mais profundamente com Ele, a exemplo da comunidade cristã primitiva. Muito aproveitarão deste livro todos aqueles que de alguma forma anunciam a Cristo e sua mensagem a outros, devido à própria característica do Evangelho e do modo como Schnackenburg conduz o seu comentário.

C. L. B.

GARRONE, Cardeal G.: Que devo fazer. Reflexões sobre a moral cristã e suas antinomias (Col. Teológica n.º 8), tradução do original francês por Ático Rubini, 220 pp., 21 x 14 cm, Edições Paulinas, São Paulo, 1972.

O livro é bom e sólido. As reflexões nele feitas podem elevar o espírito. As antinomias apresentadas são bem explicadas. O fio condutor de todo o livro, se assim se pode falar, é a caridade. Por meio dela o autor quer resolver os problemas e as afirmações aparentemente opostas. Que devo fazer? Amar a Deus e ao próximo. A caridade ao próximo é o sinal e o fruto da caridade para com Deus. A lei moral cristã tem como origem a caridade, i. é, nasce da caridade e conserva o homem na caridade. É um ótimo livro para se conhecer em que consiste ser um bom cristão. O centro de toda vida cristã deve ser Cristo real e todo, nada deve estar separado dele. A leitura do livro pode ser um tanto monótona, mas não sem proveito, porque o autor resolve as aparentes oposições das afirmações do Evangelho (p. ex.: pobre-rico; liberdade na obediência) sempre da mesma forma: aprofunda o pensamento da respectiva verdade e vê tudo à luz da caridade.

B. M.

KRENZER, Ferdinand: Lo que creemos. Tradução do original alemão por Manuel Tasada, 310 pp., 21,5 x 14 cm, Editorial Herder, Barcelona, Espanha, 1973.

Como sugere o título, este livro quer apresentar uma exposição mais ou menos completa da doutrina católica ao alcance dos fiéis. Aborda uma série de questões doutrinárias mais em foco hoje em dia. Dirige-se principalmente aos que se haviam formado na Igreja Católica mas já não se sentem vinculados a ela. Redigido em linguagem simples, sua leitura se torna facilmente acessível. O estilo epistolar contribui para tornar a leitura mais pessoal, e mais convincente e ajuda quem sabe a não poucos a redescobrirem o caminho de sua fé.

Referências bíblicas, linguagem clara e raciocínio convincente, são as características da obra. Cada capítulo é completado com uma seleta bibliografia em língua espanhola sobre o tema abordado; ela oferece ao leitor a possibilidade de aprofundar os conhecimentos adquiridos. Um bom e copioso índice alfabético facilita seu manejo e sua consulta.

S. A.

MIGUEL, Vitoriano B. S. J.: In*rodução à Orientação Educacional. 276 pp., 22 x 14 cm, Edições Loyola, S. Paulo, 1973.

O autor apresenta neste livro "Princípios de Orientação Educacional" e "Técnicas de Orientação Educacional". A vasta gama de assuntos propostos, em proporção ao tamanho da obra, indica o que sua leitura confirma: deve ser tida como livro didático, de utilização a nível universitário. A linguagem, no entanto, é fácil e corrente.

R. P.

MATIGNON, Romain: *Equilíbrio psíquico e vida consagrada*. Traduzido do original francês por M. Cecília de M. Duprat, 142 pp., 13 x 20 cm, Edições Paulinas, São Paulo, 1972.

Romain Matignon no seu livro "Equilíbrio Psíquico e Vida consagrada", dá preciosas indicações para aquele que pretende viver a consagração religiosa, ou a vida sacerdotal de modo equilibrado e harmonioso. Num estilo simples e linguagem muito acessível põe ao alcance dum público não especializado uma série de conhecimentos de ordem psicológica. Tratando-se de "vocação" religiosa ou sacerdotal, poderíamos temer confusões entre "vocação" — "graça" — com os elementos de ordem psicológica. Mas o autor distingue muito bem os dois elementos. Acentua que "vocação" é "graça"; mas nota igualmente que esta graça não destrói a natureza do homem, antes se insere numa pessoa concreta, que tem sua história. Em cada vocação há muitos elementos de hereditariedade, educação, condicionamentos, motivações conscientes e inconscientes, que, se não tomados a sério, podem perturbar a harmonia, a integração e o equilíbrio da pessoa. A leitura do livro, que as Edições Paulinas acabam de lançar, pode ser de muito proveito quer para orientadores, hem como para os indivíduos que desejam uma integração e equilíbrio de sua pessoa.

I. S.